

**Divulgação mostra: pulsações por entre vida, caos e política**  
(*Monster divulgation: pulse through life, chaos and politics*)

Susana Oliveira Dias\*

**Resumo**

A maquinaria biotecnológica – laboratórios, pesquisas, pesquisadores, DNAs, modelos, sons, conceitos, palavras, filmes, imagens, notícias etc. – se efetua e expressa intensamente sob os signos da organicidade e do julgamento moral (bem ou mal). O que poderia a divulgação científica em meio a essa paisagem-corpo-pensamento? Que pulsares em forças-escritas-pesquisas poderiam ser potencializados ao pensarmos em uma divulgação científica como de-formações, multiplicações, proliferações e dispersões das biotecnologias? Apostas políticas que querem fazer da escrita-pesquisa possibilidades de fuga da vida, do humano, do futuro.

**Palavras-chave:** divulgação científica, biotecnologias, vida, política

**Abstract**

The biotechnological machinery – such as laboratory, research, researchers, DNA, models, sounds, concepts, words, movies, pictures, news and so on – intensely signs up and express itself under signs of organicity and moral judgment (for good or for bad). What could be the possibilities of the scientific divulgation through this landscape-body-thought? What pulses into researches-forces-writing that could be potentialized when we think in a scientific divulgation as a de-formation, multiplications, proliferations and dispersions of biotechnologies? Politics bets that want to do of the research-writing possibilities of life's escape, of the human, of the future.

**Key words:** scientific divulgation, biotechnologies, life, politic

---

\* Especialista em Jornalismo Científico pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp. Doutora pela Faculdade de Educação da Unicamp. Pesquisadora (Pq C) do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp, professora e coordenadora do curso de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC) do Labjor. É editora da revista de jornalismo científico *ComCiência*. Endereço postal: Labjor – Unicamp: Prédio V da Reitoria – Piso 3 – CEP: 13083-970, fone (19) 3521-2584. E-mail: [susana@unicamp.br](mailto:susana@unicamp.br).



Fábrica de Monstros, *Monsters S. A.*

Disponível em: <http://www.disney.com.br/FilmesDisney/monstros/index2.html> Acesso em mai. de 2009

Os dizeres que abrem a Fábrica de Monstros do filme *Monsters S.A.* (2001), dirigido por Pete Docter e David Silverman, movimentam possibilidades de uma escrita que se propõe a pensar por *entre* biotecnologias e divulgações científicas. “No susto e no grito, fazemos bonito”. Adentramos a fábrica de monstros biotecnológicos e assustamo-nos?

“Artista americano cria bonecos com órgãos humanos de vinil”  
Inspirado pelo transplante de pulmão de uma pessoa próxima, o artista americano David Foxx criou uma série de bonecos de vinil cujas cabeças são representadas por órgãos ou componentes humanos. Os bonecos têm no lugar das cabeças nove órgãos ou componentes – pulmões, corações, rins, fígados, córneas, cérebros, células sanguíneas, células-tronco e plasma. Segundo David Foxx, sua intenção era passar de maneira bem humorada a mensagem de ‘união entre as pessoas’ e de que a humanidade está convergindo, se tornando mais próxima. “As pessoas são tão semelhantes que têm até mesmo partes intercambiáveis”, diz Foxx, que diz também que seu trabalho é uma forma de levar uma mensagem sobre um assunto sério como transplantes sem ser “assustador ou estranho”. Os bonecos são vendidos em “caixas surpresa”, que não informam ao comprador o órgão representado pelo boneco ou a sua cor – há bonecos em 24 cores diferentes. Segundo Foxx, os principais compradores são colecionadores de objetos de vinil, mas eles também têm sido vendidos como presentes em hospitais, para pacientes transplantados, como lembranças para estudantes de medicina ou mesmo como enfeites.

(BBC Brasil. Disponível em:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090424\\_organodonoresgaleria\\_rw.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090424_organodonoresgaleria_rw.shtml). Acesso mai. de 2009).



Adentrar o site do filme e circular pela fábrica. Conhecer o *Andar do susto*, ver os *Sustos em andamento* ou ir para o setor de *Treinamento dos monstros* onde as criaturas aprendem, num laboratório equipado com a mais alta tecnologia, como assustar as crianças e coletar e processar seus gritos: “Fontes de energia pura e confiável”. Crianças e humanos que, por sua vez, ameaçam os monstros. Assustam. Têm sua entrada no mundo dos monstros expressamente proibida. Numa passagem pela administração da fábrica encontramos o alerta: “Perigo: contaminação humana”. Como delimitar a fronteira entre o humano e o monstruoso? Tal contaminação (monstro-humano) já não ocorreria? Como potencializar o risco da contaminação fora dos domínios do perigo e do medo?

Na entrada da fábrica a simpática recepcionista, de um olho só, atende ao telefonema da Sra. Monstrozilda: “Não vou à fábrica hoje porque estou muito gripada e uma das minhas cabeças está explodindo de enxaqueca”. Elenise Andrade, diante de um dos cartazes de divulgação da animação – que alerta “*We scare because we care*” (Assustamos porque nos preocupamos) pergunta: “Será, então, que a ‘função’ de assustar estaria conectada com a preocupação em delimitar o que(m) assusta (o) que(m)?” (2007). Corpos, situações que assombram os limites tênues e explosivos entre humanos, crianças e monstros. A potência dos monstros parece residir, exatamente, na impotência, em não conseguirmos estabelecer limites, encontrar aquilo que seria próprio (a essência, o fundamento) de humanos e de monstros. Acordamos de um sono intranquilo com a estranha sensação de sermos, ao mesmo tempo, humanos-inumanos...

Quando certa manhã Gregor Samsa despertou depois de um sono intranquilo, achou-se em sua cama convertido em um monstruoso inseto. Estava deitado sobre a dura carapaça de suas costas e, ao erguer um pouco a cabeça, viu a figura convexa de seu ventre escuro, sulcado por pronunciadas ondulações, em cuja proeminência a colcha mal podia aguentar, pois estava visivelmente a ponto de escorregar até o solo. Inúmeras patas,

lamentavelmente esqueléticas em comparação com a grossura comum de suas pernas, ofereciam a seus olhos o espetáculo de uma agitação sem consistência” (KAFKA, 1998: 7).

Neste texto, escolho perseguir os deslizes do *acontecimento monstro* – um dia, sem querer, o simpático e eficiente (assustador) monstro azul gigante, Sulley, deixa uma menina humana entrar na fábrica: Boo... – e encontrar (ir ao encontro) das potencialidades políticas da divulgação científica que se quer monstra; que quer fugir (fazer fugir) ao organismo, à organicidade; que quer escapar (fazer escapar) às moralidades que marcam a maquinaria de expressão das biotecnologias; que deseja sustar (fazer sustar) as delimitações, classificações e fixações de conhecimentos, pensamentos, culturas na contemporaneidade. Abrir portas para uma escrita-monstro.

A escolha pelos monstros para movimentar este texto está relacionada à instalação “Jogo dos Monstrinhos” criada pelo artista Thiago La Torre para o evento *Num dado e-vento: biotecnologias e culturas em texturas vãos, cores, sombras, sons...*<sup>1</sup>



*Num dado e-vento: biotecnologia e culturas em vãos, texturas, cores, sons, sombras...*  
Fotografia e montagem – Thiago La Torre

O evento aconteceu no Centro de Inclusão e Integração Social Guanabara da Unicamp (CIS-Guanabara) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no final de março início de abril de 2009, e era uma extensão/multiplicação/proliferação dos

<sup>1</sup> **Ficha técnica - Título:** *Num dado e-vento: biotecnologia e culturas em vãos, texturas, cores, sons, sombras...* Criação: Alik Wunder, André Malavazzi, Carolina Ramkrapes, Carolina Cantarino, Elenise Andrade, Fernanda Pestana, Glauco Roberto, João Arruda, Thiago La Torre, Susana Dias, Sheyla Smanioto Macedo. **Assessoria de montagem:** Marli Wunder, Odair Mechi Soares e Renato Salgado de Melo Oliveira. **Figurino:** Marli Wunder e Maria Nadir de Quadros. **Sonoplasta:** João Arruda. **Artista Visual:** Thiago La Torre. **Designer:** Fernanda Pestana. **Sub-coordenação:** Susana Dias, Elenise de Andrade e Alik Wunder. **Projetos:** Biotecnologias de Rua (CNPq) e *Num dado momento* (Preac-Unicamp).

resultados das pesquisas e criações desenvolvidas nos projetos “Biotecnologias de Rua”<sup>2</sup>, financiado pelo CNPq, “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo”<sup>3</sup>, financiado pela Preac-Unicamp, e “Um lance de dados: jogar poemar por entre bios, tecnos e logias”<sup>4</sup>, financiado pelos MEC e MinC no Proext 2008<sup>5</sup>.



O artista e aluno desenvolvia iniciação científica<sup>6</sup> nos projetos e propôs uma invenção por essa figura popular, os monstros, comumente associadas às biotecnologias. Com relação ao jogo, Thiago La Torre e Antonio Carlos Amorim explicam:

Primeiro, havia um conjunto, apelidado de “jogo dos monstros”, com uma projeção com um DNA circulante e um caça-níquel de partes corporais, ativado pelo toque na água. Segundo, havia um conjunto de televisores com a repetição de um vídeo apresentando uma multidão, ambos com as mesmas características visuais identificadas nas imagens biotecnológicas. Ambos utilizam inputs da multidão para a interatividade/interação. Os “monstros” podiam ser mais facilmente notados na individualidade, já que era possível separar-se dos outros indivíduos da multidão para a sua utilização, colocando a mão na água sem outras pessoas. As reações relevantes, porém, ocorreram principalmente quando o aparato não funcionava de imediato, forçando as pessoas a

<sup>2</sup> Coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Vogt, do Labjor-Unicamp, financiado pelo CNPq (No. do processo: 553572/2006-7. Edital MCT/CNPq n. 12/2006 – Difusão e Popularização da C&T).

<sup>3</sup> Coordenado pelo Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Jr., da FE-Unicamp, e sub-coordenado pelas Profa. Dra. Susana Dias, Profa. Dra. Elenise Andrade e Profa. Dra. Alik Wunder. Fez parte do edital Preac 2008, convênio 519-292/auxílio 803-08).

<sup>4</sup> Coordenado por Prof. Dr. Carlos Vogt, pelas Profa. Dra. Susana Dias, Profa. Dra. Elenise Andrade e Profa. Dra. Alik Wunder. Edital Proext 2008 do MEC e MinC. Convênio 4210 FauF/Nudecri).

<sup>5</sup> Estes projetos investem na divulgação científica como divagação, multiplicação e dispersão e criam propostas de uma quase invasão do público em discussões sobre biotecnologias, mídias e suas intensas intervenções na vida (ANDRADE *et al.*, 2008; ANDRADE; MACEDO; DIAS, 2009; ANDRADE; DIAS, 2009; DIAS *et al.*, 2009). Participam dos projetos um grupo multidisciplinar de pesquisadores, alunos, artistas, professores vinculados ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), à Faculdade de Educação (FE) da Unicamp e, mais recentemente, à Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc) e à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde, atualmente, trabalham as professoras Elenise Andrade e Alik Wunder, respectivamente.

<sup>6</sup> Sob orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim, da Faculdade de Educação da Unicamp.

tentarem entender seu funcionamento, e experimentando ações em conjunto. Houve tentativas de experimentar o próprio corpo e de colaborar como um corpo só. No conjunto de televisores, onde não era possível isolar o input da multidão, a interatividade não era notada, a menos quando mencionada, apesar da mudança na velocidade de repetição da imagem estar ocorrendo juntamente com o ritmo de caminhada e movimento dos observadores. Tínhamos alcançado aqui um sujeito/multidão ativo, porém inconsciente, alterando a mensagem. Restava apenas juntar essas interfaces ao VJing para atingir os “agentes polinizadores”, permitindo a movimentação necessária para comunicação e também a ressignificação consciente juntamente à inconsciente (LA TORRE; AMORIM, 2009: 3).

Na tela de projeção, a partir do movimento da água proporcionado pelo toque das pessoas eram criados monstros. Esses “monstrinhos” eram compostos pelo alinhamento de três imagens que se relacionavam às partes do corpo: “cabeça”, “tronco” e “membros inferiores”.



Monstrinhos criados pelos visitantes em instalação do artista Thiago La Torre que fez parte do evento: *Num dado e-vento: biotecnologia e culturas em vãos, texturas, cores, sons, sombras...*

Em outro espaço da Estação Guanabara acontecia também uma montagem de “monstrinhos”, em uma mesa com o “material biotecnológico” disponível: “modelos” para os monstrinhos<sup>7</sup>, revistas, imagens, palavras, canetas coloridas, cola, tesoura. Os monstrinhos criados pelo público, muitas vezes, escaparam e/ou ignoraram o modelo sugerido. Romperam com um corpo-monstro, tradicionalmente horripilante. Escaparam

<sup>7</sup> Um pedaço de sulfite onde constava o logotipo do e-vento e três retângulos que indicavam as partes do “corpo” do “monstro” a ser montado.

à própria ideia de corpo, de monstro, de humano. Tais criações imagéticas do público se encontram com as apostas do grupo de criar um tempo de re/combinções – remix – que possam confrontar/resistir/dialogar com a insistência na determinação, no controle, na substância, sugerida pelas biotecnologias, que insistem em delimitar ações, medidas, tempos dos corpos.

Temos considerado relevante pensar, ao tratar de divulgação das biotecnologias, em como escapar à autoridade do tempo presente dos corpos, do que se dá a ver e ouvir, das misturas de corpos, (pessoas, imagens, ruas, biotecnologias, sons), das qualidades físicas, das singularidades individuais, do barulho dos corpos. Haveria um tempo liberto capaz de ser expresso nas imagens, sons palavras?



Monstrinhos criados pelos visitantes em instalação do artista Thiago La Torre que fez parte do evento: *Num dado e-vento: biotecnologia e culturas em vãos, texturas, cores, sons, sombras...*

Nos monstrinhos criados para *Num dado e-vento* por Thiago La Torre e pelas pessoas que circularam na instalação pulsa uma multidão que não se restringe aos humanos, nem à oposição e classificação: humanos ou monstros. Pessoas, objetos, animais, cores, desenhos, recortes. Interessa-nos pensar nessa multidão como uma monstruosidade potente, cujo corpo foge, escapa às classificações, em que as distinções entre humanos e animais, humanos e objetos, humanos e imagens, pouco importam.

Os projetos de pesquisa e divulgação científica citados foram pensados/inventados na busca por criar possibilidades de participação intensas do público na produção de conhecimentos, pensamentos, sensações ligados às bios-tecnologias. Expansões dos corpos. Desmaterialização dos monstros. Extensões dos corpos-monstros. O público deixou de ser apenas um conjunto de pessoas, vozes, discursos –

que circulam pelas ruas, exposições, calçadas, supermercados, clínicas, pet shops, zoológicos, museus. O público deixou de ser pensado apenas pela possibilidade de entendimentos, de como os sujeitos recebem, percebem, aprendem, apropriam-se, para tornar-se aquele/aquilo com que/quem estabelecemos encontros. O público não como outro sujeito. “Não é um outro sujeito, é antes o sujeito que se torna um outro...” (DELEUZE; GUATTARI, 1992: 45).

(...) uma paisagem em que o humano seja a referência principal, embora a organicidade (total, completa ou única) não seja sua maior expressão: em outras palavras, consideramos idéias, sons, letras, imagens, reações, novamente fragmentos e efemeridades da percepção (...). Nessa direção, consideramos o público – as pessoas, a mídia, as instituições, a multidão, as representações e as concepções etc. – como um forte aglutinador do que queremos buscar como indicadores em nosso projeto, e avaliar os fluxos que o atravessam, dele partem e passam com ou sem efeitos visíveis (VOGT *et al.*, 2008: 296-298).

O evento no CIS-Guanabara contou ainda com outras instalações, que se espalhavam pelos “cantos” do grande armazém de café, na antiga estação de trem de Campinas: *Palavra quase-dada: poemar* (túnel de fotolitos, luzes, imagens e palavras na entrada do evento); *Sons ao e-vento*<sup>8</sup> (trilha sonora criada pelo músico João Arruda); *Retratados dados* (canto dos computadores e explorações com porta-retratos); *Reflexões em composição* (brincadeira com espelhos e projeções); *Proliferações* (projeções num labirinto de tules); *Tecnologias em ex-posições* (criação com cacarecos tecnológicos e projeções); *Um lance de dados*<sup>9</sup> (pequenos dados em papel, com imagens e palavras, criados pela designer Fernanda Pestana, que foram montados pelo público para jogar e “poemar” a partir da pergunta: Que palavra você levaria para o futuro dos humanos?); *Suspensões em CorPoSição* (bexigas com luzes coloridas em que se escreviam um poema com palavras que saíam nos dadinhos e que seriam levadas para o futuro dos humanos).<sup>10</sup>

<sup>8</sup> **Ficha técnica:** Título: Sons ao e-vento. **Composições, programação, efeitos, vocais, violão e percussão:** João Arruda. **Gravações:** João Arruda e Pedro Romão. **Mixagem:** Pedro Romão e João Arruda. **Masterização:** Pedro Romão. **Narração:** Carlos Francisco Valverde; Cristina Bueno; Elenise Cristina Pires de Andrade e Marcelo Lírio. **Participação Especial:** Alexandre Lemos na percussão corporal e efeitos vocais. **Gravado, mixado e masterizado:** estúdio da Valverde Arte & Cultura. Disponível em: [http://www.labjor.unicamp.br/biotecnologias/calçada/?page\\_id=565](http://www.labjor.unicamp.br/biotecnologias/calçada/?page_id=565)

<sup>9</sup> Disponível em: [http://www.labjor.unicamp.br/biotecnologias/calçada/?page\\_id=441](http://www.labjor.unicamp.br/biotecnologias/calçada/?page_id=441)

<sup>10</sup> Outras imagens e produções dos visitantes da instalação podem ser vistas no site: [www.labjor.unicamp.br/biotecnologias/calçada.html](http://www.labjor.unicamp.br/biotecnologias/calçada.html)



*Num dado e-vento: biotecnologias e culturas em vãos, texturas, cores, sons, sombras...*  
Fotos – Alik Wunder

A instalação-evento explorou a potencialidade dos registros fotográficos, em vídeo e áudio, feitos em intervenções anteriores pelo grupo nas ruas de Campinas. A intenção foi a de propor aos visitantes uma experimentação das biotecnologias pelas imagens, palavras e sons. As imagens foram projetadas em grandes paredes, em tules, em plásticos, em espelhos, chão, teto, mãos, braços, roupas, sombras. As imagens ganharam imensas dimensões e suaves materialidades. As pessoas foram convidadas pelos objetos – roupas brancas penduradas na entrada, espelhos para serem manipulados – a misturarem-se às imagens, fazê-las dançar em seus corpos, pulverizá-las em reflexos, em diferentes fragmentos irreconstituíveis. Sombras em movimento, silhuetas dançantes, imagens repartidas, sobreposições. Ao longo da exposição, uma trilha sonora criada trazia sons e palavras que interagiam com as imagens, com os corpos. As imagens, os objetos, os sons foram oferecidos ao público, menos como algo a ser capturado e compreendido e mais como coisas a serem exploradas, vividas caoticamente. Encantamentos em cantos que fomos caracterizando como uma singularidade em aberturas de possibilidades, riscos, jogos, e-vento.

Aberturas, fechamentos, frestas, festas por que não? O público-autor que visitou o e-vento sustou assustando-se com o imponderável para uma exposição de divulgação científica. Que potencialidades emergiriam se a divulgação científica fosse capaz de abrir vagas, que resistissem a qualquer tentativa de preenchimento, como se fossem uma brecha para um tempo morto, coagulado, para as não imagens, para as não linguagens? Estranhamentos. Entranhamento. Movimentos repetidos que agitam e abalam o dado das imagens, dos artefatos, das palavras, das representações, do público-autor. Multiplicar a potência criativa dos atravessamentos, arrombamentos, das aglomerações e(m) imagens que se alastram pela contemporaneidade em uma

hibridização caótica e pretender o susto (ANDRADE; MACEDO; DIAS, 2009: 260).

... e se a divulgação científica se propusesse a sustar o susto da ausência de explicação, interpretação? E se propusesse tirar a sombra do assombro de ações de divulgação científica que atentam para o humor, para as sensações, para as questões éticas e estéticas, não somente se atendo à difusão do conhecimento científico na lógica do esclarecimento? Que políticas pulsariam?

## ESCRITA, VIDA E POLÍTICA

Transgênicos, clonagem, reprodução assistida e células-tronco. Os deslocamentos que a investida intensa das biotecnologias-mídias têm promovido nos conceitos de vida, humano e futuro têm sido amplamente estudados. Laymert Souza Santos (2004) destaca a transformação no modo de pensar o humano como, ao mesmo tempo, organismo e agenciamento técnico. Como matéria mórbida e mortal e, ao mesmo tempo, arquivo de dados, banco de dados. Essa dinâmica foi identificada por Donna Haraway (1991) como “virada cibernética” e privilegia a dimensão informacional dos organismos. Informação que emerge como condição de controle e captura do futuro. Futuros presos, determinados por um conjunto finito de probabilidades, por combinações possíveis dentro de um conjunto finito: o infinito finito.

Variabilidades dadas. Futuro apontado como perigoso pelas experimentações biotecnológicas que anunciam possibilidades vidas inventadas; seres nunca vistos; hibridizações entre animais, humanos, máquinas, informações; novos designers biológicos e culturais<sup>11</sup>. Futuros manipuláveis, capturáveis, destinos previsíveis. Avaliações que Claudia Fonseca (2004) quer provocar com suas análises sobre a biologização das relações familiares promovidas pela invasão dos exames de DNA nas decisões jurídicas de paternidade. A partir de estudos etnográficos, em favelas do Rio Grande do Sul, e conexões com o dilema de Capitu, a heroína de Machado de Assis, Fonseca traz à tona como as promessas de acabar com as dúvidas, por meio da oferta de

---

<sup>11</sup> O interesse crescente das biotecnologias pelo designer – pelo desenho de produtos biotecnológicos – movimentou as criações do artista australiano Oron Catts – que dirige o laboratório *SymbioticA* na Universidade da Austrália Ocidental. Catts cria produtos os mais diversos para artistas como Stelarc e Orlan, usando as biotecnologias e tecidos vivos. Trabalha, assim, com a vida biológica como matéria-prima de suas obras (URBANO, J.; MENEZES, M. de; COSTA, P. A., 2006).

uma prova consistente e contundente, terminam por reforçar a idéia de que o parentesco é dado, concreto e empiricamente demonstrável.

Diante do espalhamento das biotecnologias, de sua intensa associação tecnocientífica, numa imbricada conexão com o mercado e investida violenta na captura das subjetividades, por que divulgá-las? Como divulgá-las? A comunicação da ciência é apontada, frequentemente, como mais um espaço que colabora com os objetivos tecnocientíficos, seja por meio de uma comunicação-marketing, legitimando suas produções e financiamentos, seja investindo no denunciamento e na conjuração de medos científicos. Nos escritos de Daniela Ripoll (2008), que se expandem pelos estudos culturais, as biotecnologias-mídias apresentam-se como construções poderosas do medo e do perigo.

A mídia é uma parte central da engrenagem de controle social através do medo e do risco, cotidianamente nos ensinando quais situações/práticas/pessoas/coisas devemos temer, quais riscos podem (e devem) ser evitados, o que devemos fazer para minimizá-los, em quais instituições (e especialistas) devemos confiar etc. (RIPOLL, 2008).

Para Deleuze e Guattari (1992), as ciências costumam se interessar por dar referências ao caos, por operar uma limitação de movimentos e velocidades, estabelecimento de conjuntos de possíveis. Investimos, nos projetos aqui mencionados, em possibilidade de pensamento e criação no campo da divulgação científica que fossem capazes de “inserir o caos na vida” (FLAXMAN, 2008)<sup>12</sup>. Escolhemos “potencializar o entendimento das ciências não como produção restrita aos laboratórios,



<sup>12</sup> Proposta que o Prof. Dr. Gregory Flaxman, da Universidade da Carolina do Norte e estudioso de Gilles Deleuze e cinema, explorou em sua palestra “Caos e ciência” ministrada no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, a convite do projeto Biotecnologias de Rua (financiado pelo CNPq) em maio de 2009.

mas como produção que se efetua e expressa como maquinaria: pesquisas, pesquisadores, artigos, produtos, públicos e divulgações pelas mídias (textos, imagens e sons nos jornais, revistas, internet, TV, cinema etc.)” (ANDRADE; DIAS, 2009: 03).

A peça *Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo*<sup>13</sup> foi outra criação do grupo. Apresentada em março de 2008, para cerca de 450 alunos da rede municipal de Campinas no Museu da Imagem e do Som (MIS), ganhou as ruas e praças de Campinas, foi encenada no Espaço Cultural Casa do Lago e apresentada na 60ª SBPC Jovem, que aconteceu na Unicamp em 2008. Mais de mil pessoas assistiram à peça em que um cientista (e vendedor, anjo, empresário, vidente, jogador, pai de família, desempregado, cantor, ator...) e uma mulher-dado (e cliente, jogadora, mãe, Deus, cantora, atriz...) encenavam três momentos que queriam produzir sentidos diversos sobre as relações entre biotecnologias, vida e tempo.

Captando o “dado” das biotecnologias – dado de informação, de determinação, de jogo ... – o roteiro da peça foi composto com trechos de obras literárias que desconcertam as certezas acerca da possibilidade de previsibilidade sobre a vida e o tempo como uma caracterização das biotecnologias. “O futuro está dado? Se não está dado é jogo?”, pergunta o ator num dos atos. Ao final desses três esquetes, os personagens convidaram os espectadores a criar, juntos, um poema onde propusemos movimentações pelo “futuro dos



humanos” – num jogo de enormes dados com imagens e palavras. Imagens diversas, produzidas por artistas, difundidas em revistas de divulgação científica, que desejam romper com a lógica da comunicação-representação-reconhecimento. Palavras – tão, que, querer, e, um, uma, entre... – que não desejam significar as imagens, o futuro, a vida, os humanos. Um poema gigante, de mais de sessenta metros de comprimento, foi criado com o público que lançou dados, palavras, futuros. O desejo da equipe era gerar novas

<sup>13</sup> **Ficha técnica:** Título – “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo”. **Direção e Roteiro** – Grupo Parada de Rua: André Malavazzi, Carolina Cantarino, Elenise Andrade, Maria Cristina Bueno, Marcelo Lírio, Susana Dias. **Figurino e cenografia** – André Malavazzi, Carolina Cantarino, Fernanda Pestana, Gabriela Chiarelli e Susana Dias. **Atores** – Marcelo Lírio (cientista) e Cristina Bueno (mulher-dado). **Produção** – Biotecnologias de Rua (CNPq). **Duração** – 40 min. **Leia sobre em:** <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=3&noticia=416>



sensibilidades sobre os deslocamentos produzidos nas noções de humano, vida e tempo, investindo nos jogos (sem) sentidos das imagens, no inesperado das ruas, nas biotecnologias imersas na vida.

A peça-poema-jogo desejava fazer gaguejar o futuro. Impossibilitar que o futuro fosse atribuído a um conjunto de prováveis (dados pelas jogadas). Propiciar a sensação de participação de todos (imagens, monstros, humanos, palavras, artistas, pesquisadores e pessoas das ruas) na invenção de futuros. Impedir, entretanto, que qualquer um pudesse determiná-lo, capturá-lo.

E, num dado momento, o que *acontece*?

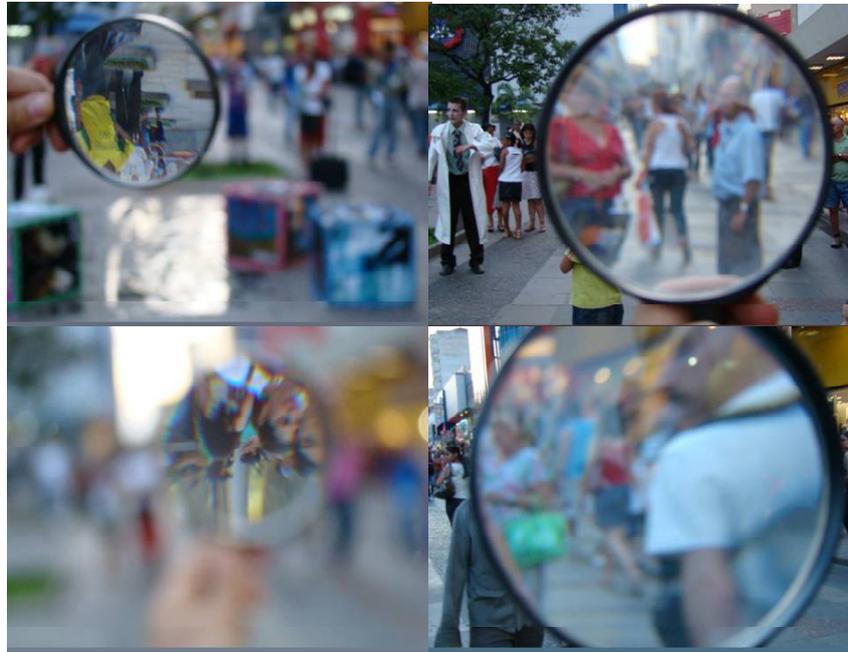
Temos experimentado *encontros* entre filosofia, arte, ciências, imagens, palavras e sons numa busca por uma nova sintaxe da divulgação científica, com outras ordenadas, outras zonas de indiscernibilidade. “(...) os encontros têm como objeto os signos” (VASCONCELLOS, 2006: 4). Para Jorge Vasconcellos, as conexões que Gilles Deleuze faz entre signo, pensamento e criação são potentes porque se opõem a uma imagem dogmática do pensamento, em que o pensamento aparece como a busca natural pela verdade, pelo verdadeiro, na qual o bom senso e o senso comum são tomados como potências compartilhadas por todos os humanos, e onde o modelo da reconhecimento é preponderante, funcionando e fazendo funcionar a centralidade do sujeito no pensamento (2006: 5-6).

O mundo dos signos, dos sintomas, do obscuro, da violência, contrapõe-se ao mundo da racionalidade. Os signos se efetuam, ao mesmo tempo, como objetos de encontro com os mundos e efeitos de encontros com os mundos. Como se os mundos aguardassem, ficassem à espera infinita por um acontecimento. Possibilidades de gestação. O que teria acontecido? O acontecimento, o sentido, para Gilles Deleuze, não pertence a um sujeito, não corresponde ao vivido, nem ao visível. Subvertendo o bom senso e o senso comum, que estabelecem a aliança entre o eu, mundo e Deus, o acontecimento deleuziano afirma o paradoxo, indo sempre nos dois sentidos (bom senso e senso comum), e, ao mesmo tempo, no não-senso da identidade perdida, irreconhecível (DIAS, 2008: 24-5).

A paisagem-corpo dos conceitos vida, humano e futuro se contorce compulsivamente, explode numa monstruosidade incontrolável, numa abertura para devires inauditos e imprevisíveis. A (de)formação do humano, da vida e do futuro, a libertação desses conceitos da excessiva organicidade pode não ser relevante para os estudos médicos, farmacológicos, para as grandes indústrias e corporações, ou ainda para aqueles que pretendem encontrar vida em outros planetas, mas apresenta-se potente para um pensamento por entre ciências, arte, educação, currículo e comunicação. Possibilidades de caotizar tais conceitos, de levá-los além de seus limites. Paisagem-corpo-pensamento mostra, em que humanos, vida e futuro não estão dados e aprisionados, antes libertos, abertos à experimentação.

O monstro (violência, desidentificação e anormalidade) é potência de pensar pedagogias da ausência, de singularidades puras e experienciar a fuga do controle de existir na realidade, similarmente a alguns estilos de escrita literária com personagens que querem fazer o leitor se desencontrar (AMORIM, 2007).

Que divulgação é essa que quer se afirmar divagação, multiplicação, proliferação? Um querer que não significa, na maioria das vezes, concretização, antes fracasso e decepção. Um querer que não significa modelo de formação, antes deformação do modelo, da ideia de modelo. Monstruosidades. A perda da identidade do que é “divulgação científica”, do que poderia ser considerado “divulgação científica”, parece assustar. Como sustar o susto e discutir politicamente os efeitos da divulgação de ciências num mundo de tempos, cada vez mais, marcados pelo controle e exclusão? Os papéis mídias – papel jornal, revista, tela do cinema, tela da TV – têm priorizado excessivamente a comunicação da informação e da opinião.



Fotos da peça *Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo*  
Fotos – Alik Wunder.

A opinião é um pensamento que se molda estreitamente sobre a forma de reconhecimento: reconhecimento de uma qualidade na percepção (contemplação), reconhecimento de um grupo na afecção (reflexão), reconhecimento de um rival na possibilidade de outros grupos e outras qualidades (comunicação). Ela dá à reconhecimento do verdadeiro uma extensão e critérios que são, por natureza, os de uma 'ortodoxia': será verdadeira uma opinião que coincida com a do grupo ao qual se pertencerá ao enunciá-la (DELEUZE; GUATTARI, 1992: 192).

Pensar na divulgação científica na contemporaneidade implica uma mobilização política que vai além da informação e da opinião. Lançarmos as biotecnologias ao evento, ao tempo, às experimentações, sem sujeito, inumanas. Em monstruosidades e barbáries distintas, em que a falta de padrões compreensíveis, civilizados e socializáveis das linguagens permite ir além da ideia de divulgação científica como comunicação de fatos e conhecimentos científicos. A linguagem ganha forças como pulverização de sentidos, abertura de lacunas, vazios, brechas aos desentendimentos que se movimentam no meio científico e nas culturas.

Um acontecimento que foge ao que está dado pelos estados de coisas e, ao mesmo tempo, dado pelos enunciados. Pelas sensações: texturas, cores, sombras, ventos, vãos. Por entre ações, pensamentos, ideias criadas em projetos de pesquisa e divulgação científica que apostam em ex-por as biotecnologias, inseri-las em outros fluxos e velocidades. Criar divulgações, divagações, fabulações. Num dado momento

*resistir*. Restituir a força política do dizer e do escrever e imagens e criar entre-tempos, entre-momentos, entre-tenimentos. *Entre-ter*, distrair, desviar, fazer esperar, fazer demorar. Uma escrita-pesquisa-divulgação mostra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, E. de A. *et al.* CyBlogs: divagam divulgam bio-tecno-logias? 7#ART – 7º. Encontro internacional de Arte e Tecnologia. *Anais*. Brasília, out. 2008. Disponível em: <http://arte.unb.br/7art/textos/eleniseall.pdf> Acesso em: out. 2008.

\_\_\_\_\_. O dado prega uma peça na divulgação científica. Congresso internacional em artes, novas tecnologias e comunicação Ciantec: ontem, hoje e amanhã: pluralidade de olhares num percurso comum. *Anais*. São Paulo, set. 2008, p. 207-213. Disponível em: [http://www.scribd.com/doc/6306383/CIANTEC-2008#document\\_metadata](http://www.scribd.com/doc/6306383/CIANTEC-2008#document_metadata) Acesso em: out. 2008.

ANDRADE, E. C. P.; MACEDO, S. C. S.; DIAS, S. O. Vidas Ventanas: janelar entre tão divulg(divag)ação. *Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*, ano II, n. 3, julho de 2009.

ANDRADE, E.; DIAS, S. Entre currículos, cortes, mortes: imagens-cérebros ex-põem divulgações-divagações... *Anais*. 60ª. Anped, Caxambu, 2009.

ANDRADE, E. C. P. de. Monstros/as? Mostras? Meninas/os? *ComCiência*, Campinas, n.92,2007. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=29&id=336> Acesso em mai. de 2009.

AMORIM, A. C. R. de. Traços de singularidade. *ComCiência*. Campinas, n. 92, 2007. Disponível em: [http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=29&id=334&tip\\_o=1](http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=29&id=334&tip_o=1) Acesso em: mai. de 2009.

\_\_\_\_\_. O invisível e não enunciável: cinema brasileiro e amnésia de identidades. *Educ. Soc.* Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1367-1372, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: mar. de 2009.

DIAS, S. O. *Papelar o pedagógico... escrita, tempo e vida por entre impressas e ciências*. Tese (Doutorado). 2008. Campinas-SP: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

- \_\_\_\_\_. *et al.*. Fotoquaselances: potências trans na divulgação científica. *Anais*. II Seminário Nacional de Cultura Visual, Universidade Federal de Goiás, 2009.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. (Coleção TRANS).
- FLAXMAN, G. (2008). Gilles Deleuze, filósofo do futuro. *Educação Temática Digital (ETD)*. Campinas, v.9, n. esp., p.1-14, out. FONSECA, C. A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 12(2): 264, mai.-ago. 2004.
- HARAWAY, D. A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late Twentieth Century. In: *Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991. p.149-181. Disponível em: <http://www.stanford.edu/dept/HPS/Haraway/CyborgManifesto.html> . Acesso em: mai. de 2009.
- KAFKA, F. *A metamorfose e Um artista da fome*. Trad. Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998. (Biblioteca Folha. Clássicos da Literatura Universal).
- LA TORRE, T. ; AMORIM, A. C. R. Novas mídias para um sujeito ativo e inconsciente na divulgação científica. *ComCiência*. Dossiê TICs, n. 110, 10/08/2009. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=48&id=603> .Acesso em: ago. 2009.
- LAYMERT. Tecnologia e seleção. In: LINS, D.; PELBART, P. P. (org.). *Nietzsche e Deleuze – bárbaros e civilizados*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 103-117.
- RIPOLL, D. Corpo e biotecnologias na contemporaneidade: lições midiáticas. III Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas. *Anais*. UFRGS: Porto Alegre-RS, 2007.
- \_\_\_\_\_. Você tem medo de quê? A pedagogização midiática do risco. *ComCiência*, Campinas, n. 104, 2008. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/index.php?section=8&edicao=41&id=494>. Acesso em: mai. de 2009.
- URBANO, J.; MENEZES, M. de; COSTA, P. A. A desesteticização do vivo: decepção e improdutividade – entrevista a Oron Catts. *Nada*. Lisboa, Portugal: Instituto Português do Livro e das Bibliotecas/Ministério da Cultura, n. 7, mar. de 2006.

VOGT, C. *et al.*. Biotecnologias de rua. In: ALBORNOZ, M.; VOGT, C.; ALFARAZ, C. *Indicadores de ciencia y tecnologia em Iberoamerica. Agenda 2008*. Buenos Aires, Argentina: Ricyt, 2008, p. 285-298.



Revista do Laboratório de  
Estudos Urbanos do Núcleo  
de Desenvolvimento da Criatividade



**Para citar essa obra:**

DIAS, Susana Oliveira. Divulgação mostra: pulsações por entre vida, caos e política.  
RUA [online]. 2009, no. 15. Volume 2 - ISSN 1413-2109  
Consultada no Portal Labeurb – *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de  
Desenvolvimento da Criatividade*  
<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

**Laboratório de Estudos Urbanos – LABEUBR**  
**Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI**  
**Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

**Endereço:**

Rua Caio Graco Prado, 70  
Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo  
13083-892 – Campinas-SP – Brasil

**Telefone/Fax:** (+55 19) 3521-7900

**Contato:** <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>